

CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo Class.: PIX - Prod Cultural  
 Data: 22/08/88 Pg.: 637



### 'KUARUP' NO XINGU - FINAL

MIGUEL DE ALMEIDA

**S**im, dia de partir. Depois de uma conversa séria com Ruy Guerra, cara a cara, guerra é guerra, fico pensando como a vida é bela. Roberto Bonfim, vestido de camaiurá na Dança dos Papagaios, está com um problema. Foi convocado para lutar huka-huka, uma curiosa pendenga indígena semelhante ao sumô. Acertamos que faremos uma foto dele antes, durante e, principalmente, depois do judô xinguano. Coitado, vai ficar com saudades da alma.

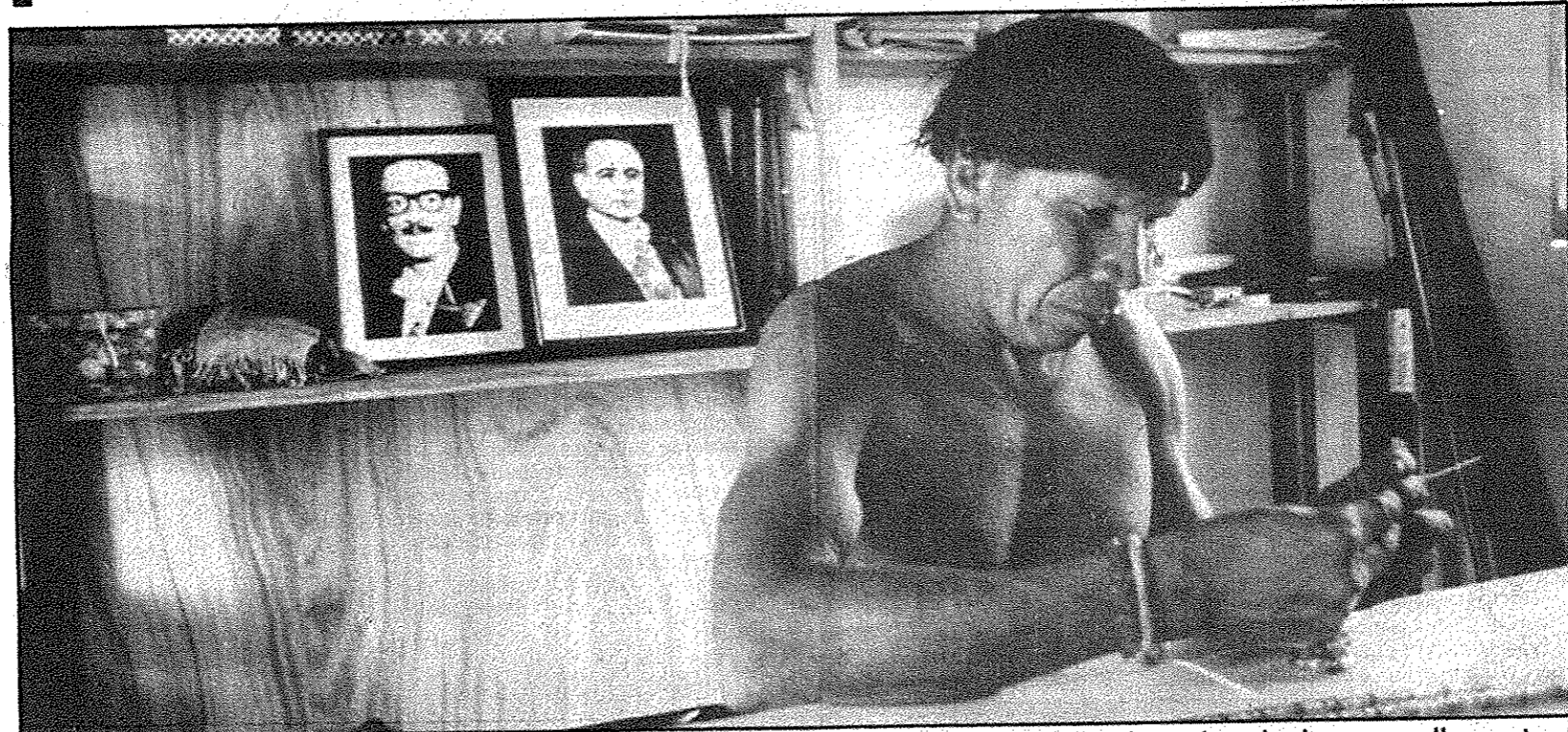
Huka-huka é um troço engraçado. O campeão do Xingu é Aritana, um tipo de 1,70m de altura, forte e sem barriga. Conta que em Brasília topou com o campeão mundial de sumô e foi desafiado para um lero-lero. Acabou com o japonês, compadre. Foi fácil porque o desafiante — quase 200 quilos, cara de bravo com a falta de peixe no mercado — tinha uns pedaços de panos sobre o corpo. O índio luta nu e com urucum pelo corpo. Aritana: "Para facilitar, ele tinha uns paninhos". Outra vítima da fúria avassaladora do cacique, foi um campeão de judô. Este nem conseguiu dizer improperios bíblicos.

Freud precisava conhecer esses índios. Cada tribo xinguana tem dois chefes — um deles é o real; outro, o relações públicas. Na tribo lualapiti, Parú é o chefe; Aritana, o ministro do exterior. Curioso sistema de poder, esse. Aritana ouve as propostas, as questões de ordem, reivindicações e conversa com Parú. Só depois dá a resposta final, positiva ou não. Em geral, é ok e acompanhada de um pedido de benesse. E eles não têm qualquer noção de dinheiro — que eles odeiam, aliás. Um índio tentou trocar uma flecha por CZ\$ 20 mil. A vítima resmungou que não tinha tanto dinheiro e propôs duas pilhas. Negócio fechado.

Jung seria derrotado no Xingu. Pergunte-se a certo índio o nome de um outro. Caso seja parente, não dirá. Falará apenas que é seu cunhado, por exemplo. A alcunha do autóctone terá de ser perguntada a outro indígena não aparentado. Não há explicações para tamanho rodeio. E não se entende também o jeito de

# Agora, só no cinema

Fotos de Paulo Marcos

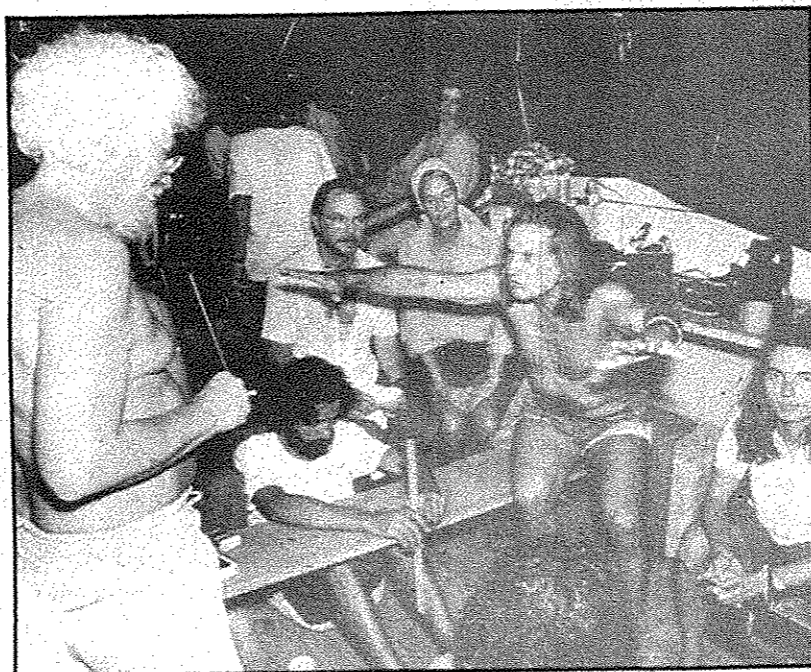


No acampamento cinematográfico montado por Ruy Guerra, os índios participam do trabalho de equipe, desde que escolham a tarefa

trabalhar deles. Quando foram construir o deck, apareceram logo de manhã, todos pintados, eram uns 50. Estavam alegres para abater as árvores e fazer o miniporto. De repente, fica um único trabalhando, os outros olhando, pernas largadas. O trabalhador não reclama, não pede explicações, sente-se star. É difícil pedir a qualquer um deles que faça isso ou aquilo. Rachel Arruda, prefeita do acampamento, descobriu o caminho e lança: "Quem quer fazer isso?". Sempre alguém responde.

O acampamento. Parte das barracas — 40, 45 — ficarão para os índios. Onde hoje é o refeitório, o popular e freqüentado Bar do Ruy, será uma escola indígena. A produção deixará ainda duas balsas e outros motores cascudos. Aritana ganhou uma casa para sua tribo.

Amaloca foi montada no Rio de Janeiro e levada ao Xingu de balsa. Essa casa cenográfica depois será transformada em um hospital, quer Aritana. Já a antena parabólica não fora instalada até o fechamento dessa aventura xinguana.



O cineasta discute com Júlio Pomar uma das cenas do seu filme

não pagou para entrar — era formada pelos atores, técnica e gatos pingados da equipe de apoio. Além d'eu. A cena em que o padre Nando possui Francisca (Fernanda Torres) deixará Callado com vontade voltar ao Xingu. O cenário é uma pedra sobre a cachoeira e um arco-íris é um espelho. Callado precisa ver isso.

Durante a exibição, um sucção de limão. Penso no ar condicionado. Guerra se mostra entusiasmado com os copióes. Duro será montar aquele material todo, escolher as melhores tomadas. Cláudio Mamberti está demais como Ramiro, um pobre coitado engajado no poder que perde uma mulher para um índio, bobão. É uma figura patética, sempre carregando o vestido da dona debaixo do braço. A paixão tem cenas que Aretino desconhece.

Roberto Fonseca, produtor do filme, e Fernando Bicudo, anunciam que farão a Fundação Kuarup. É uma maneira discreta de privatizar o Parque Nacional do Xingu. A idéia é proteger a região, os índios, as águas, a flora. Parte da renda das bilheterias irá iniciar o fundo monetário xinguano. A Fundação estará ligada a congêneres internacionais e será formada por personalidades carais e por caciques. Na cabeça, tentar evitar incêndios como o no Parque das Emas, em Goiás, e barrar a entrada de brancos interessados só em minérios, árvores, na destruição à la John Wayne. Talvez o roqueiro britânico Sting seja um dos convidados — e é provável que faça um espetáculo em plena selva, chamando a atenção da imprensa internacional para tanta devastação, cenas implícitas de ódio e suicídio. Bruce Springsteen também é comentado.

Hora de partir. Corajoso que sou, sinto saudades do Xingu. Um dia voltarei, digo a Sapaim. Balestra, vindo de Canarana, faz um vôo rasante sobre o acampamento. É sinal de que me espera na pista de terra, Deus. Tudo está muito calmo, telefones não tocam, ninguém te chama. O verde hoje parece mais radical e o dia amanheceu nublado. Fog no Xingu. Viajar é preciso. São 16h, os insetos se preparam para o ataque, Ruy Guerra acende um novo charuto, Júlio Pomar pensa no fado, tucunaráes descansam, a viagem é longa e o ar está parado. De volta para casa, pois.

**N**a tarde de ontem, assistimos a quatro copióes de "Kuarup". A coisa está bem feita, Ruy. Mostra o avião de Balestra jogando fardos aos expedicionários — vividos por Taumaturgo Ferreira, Fernanda Torres, Cláudio Mamberti, Ewerton de Castro, André Cecato, Umberto Magnani e Roberto Bonfim. Balestra, até Guerra achar a cena ok, deu mais de 50 voltas em torno da cachoeira. É algo pirotécnico: o avião "cai" nas águas em clássica operação de guerra. Paulo Marcos, fotógrafo de still, ainda se aventurou a fazer algumas chapas. Duas quedas depois, inventou que tinha outros compromissos, sim.

Copião não é das coisas mais agradáveis. Qualquer repetição é um tanto exaustiva. A sala Sapaim, onde as cópias foram exibidas, também não oferecia grandes condições. Ali, o calor beirava 50 graus, os bancos não eram estofados, não havia lanterninha nem pipoca. Tinha muita tensão no ar parado. Afinal, a platéia — que